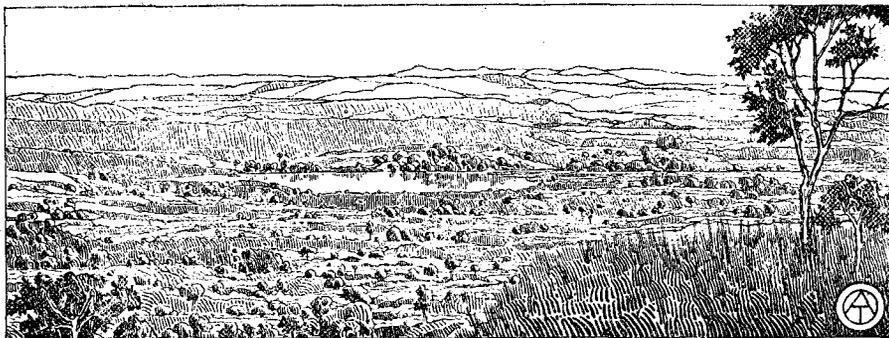


em sua parte central sôbre o eixo citado e na altitude de 800 metros, porém acima dos principais sumidouros em redor. De modo que, dentro de uma bacia geral e bipartida, existem outras bacias menores de maior ou menor diâmetro. Conforme a estação do ano, a água sempre turva do pequeno lago, próximo de um cocho de sal e frondosas árvores, aumenta ou diminue, secando às vêzes de todo em fins de Julho. As margens são muito rasas e notamos nas proximidades dois modestos montículos. Apesar de ser esta água lamacenta ou de todo ausente, é sempre o lugar predileto de numerosas e pacíficas manadas que teem o recurso de um outro bebedouro, até melhor, no próximo *Sumidouro do Brejinho*, pois neste sítio a água é límpida.



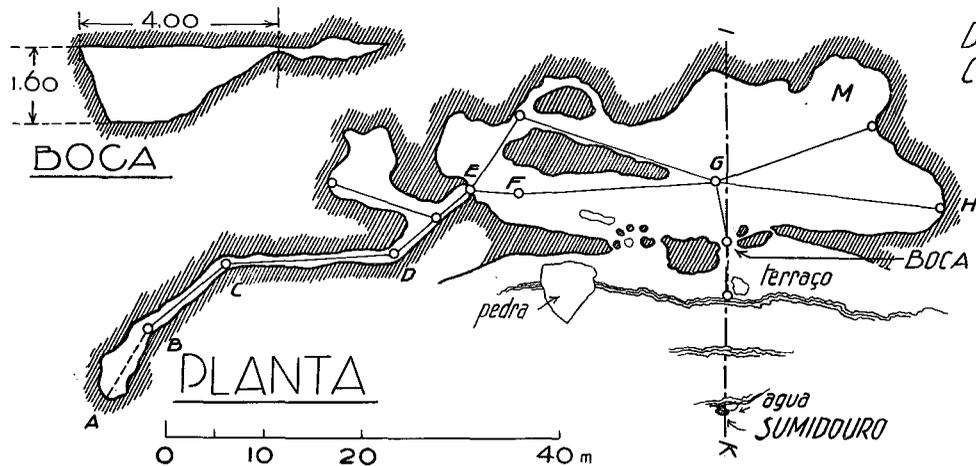
A Lagoa da Pedra. Vista apanhada do Alto do Sobrado, ao norte da Gruta do Maquiné. Aspecto da vasta planície que comunica com o ponto menos elevado da vertente do córrego Cuba, em vivo contraste com os aspectos acidentados e pitorescamente movimentados do exterior e interior da bacia deste córrego. Aparece aí a região norte da Gruta do Maquiné até seu limite pelo horizonte. O citado ponto menos elevado da vertente circular fica ao lado esquerdo do observador e parece estar, em altitude, pouco acima da entrada da Gruta do Maquiné (Alt. 902 m). Todas as descidas do Alto do Sobrado são abruptas e, em parte, notáveis por belos grupos de pedras, paredões e velhas árvores.

Das numerosas grotas de todo feitio e de particularidades, por assim dizer "individuais", desta bacia, a mais comprida é a da *Lapinha da Atamis*, nascendo ao lado sudeste da *Lagoinha*, distando desta 1.300 metros em linha reta, e em altitude de cerca de 920 metros. O comprimento da bacia é de cerca de 2.150 metros e sua largura de 1.600 metros, aproximadamente.

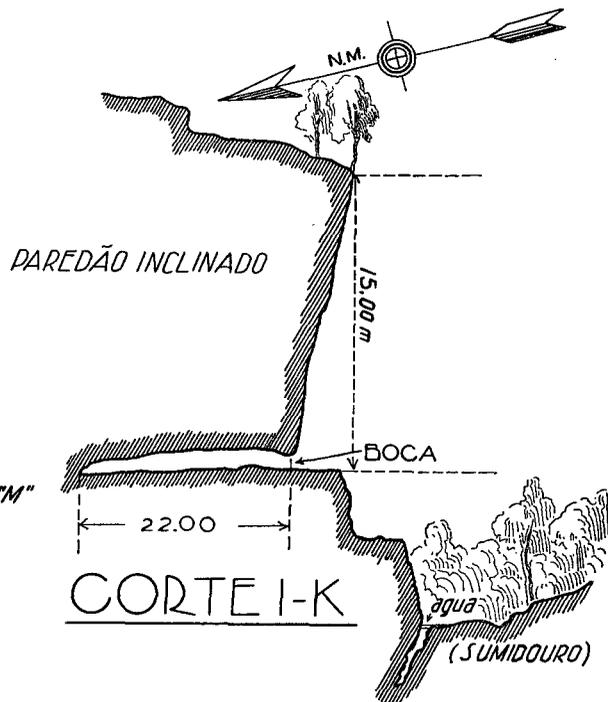
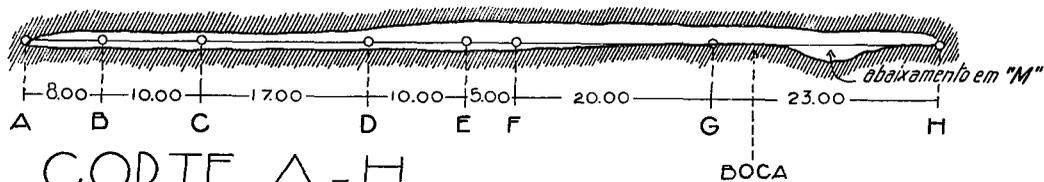
LAPINHA DA ATAMÍS

Distante em linha reta 1.900 metros da *Gruta do Maquiné* e 900 metros em linha reta da *Lagoinha*, esta gruta é a terceira, em tamanho, nas imediações da grande gruta-rainha. Tem feitio de uma lapa reentrante, ao longo de um grande paredão arcado sôbre um estreito terraço, ao qual, pouco mais em baixo, se segue outro até atingir o fundo do sumidouro deste sítio, em solidão completa. Tudo aquí em redor tem um ar de natureza jamais violada, milagrosamente escapada ao fogo devastador e ao machado impiedoso do sertanejo. Uma majestosa serenidade reina neste bosque profundo e silencioso, cujo solo virgem e cujos rochedos altivos desde séculos são beijados por trêmulas manchas de sol.

◦ L APINHA DA ATAMIS ◦



Distância em recta da Gruta do Maquiné 1.900 m
 Comprimento total 93 m



(RECONHECIMENTO TOPOGR. DE 27.6.1940)



O sumidouro, rente à base úmida do gigantesco rochedo sôbre o qual pende a ramagem saudosa em altura considerável, mostra uma fenda estreita e sêca insinuando-se por baixo das colossais massas calcáreas, revestidas de opulenta vegetação. Todavia, ao lado da fenda existe uma pequena bacia com água perfeitamente clara e do gôsto normal de tôdas as águas que brotam de nascentes entre pedras. Em região tão erma e desprovida de água corrente, até nas grotas mais profundas com capões, esta circunstância é de importância para o excursionista e visitante da *Lapinha*. Razão também porque esta pequenina bacia d'água está registrada em nossa planta.

Topograficamente estamos em um sumidouro dentro de uma profunda grotta, desviada um tanto para o lado do grande paredão de pedra, afastada do álveo normal, formando uma repentina depressão lateral dentro da própria grotta, cujo álveo, ainda mesmo margeando a mencionada depressão, *sobe* logo depois *em direção da vazante*...

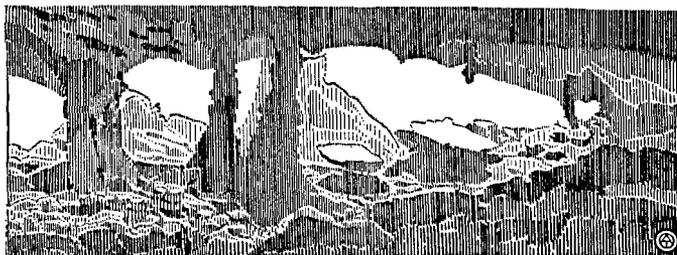
Observaremos, mais adiante, um caso idêntico a 500 metros distante da *Lapinha da Atamis*. Também aqui as águas das enxurradas parecem ser absorvidas com bastante rapidez, pois não existe sinal de retenção de águas ou formação de lagoa durante as enchentes.

A altura do paredão calcáreo é de 15 metros a prumo; o comprimento, de 93 metros e a reentrância horizontal, de 22 metros. A entrada sôbre o pequeno terraço (de 5 metros de largura) é baixa (1,60 metros), como também é baixo o teto em tôda a extensão do interior, de côr cinzento-escura, de granulação regular, fragmentação rara e levemente inclinado para os fundos laterais, indicando assim, ao mesmo tempo, a inclinação das camadas da rocha sôbre a horizontal.

Esbocei dois aspectos parciais desta lapinha, um dos quais representa uma parte do exterior e, o outro, do interior. O primeiro foi tirado no terraço de pedra da entrada. Mostra, no primeiro plano, uma concreção calcárea grosseira e disforme semelhante a um cupim, formando uma espécie de pilastra unida em sua parte superior ao paredão. O desenho permite distinguir a "salinha das bonecas" com sua mesinha de pedra, banquinho e pequenas colunas naturais.

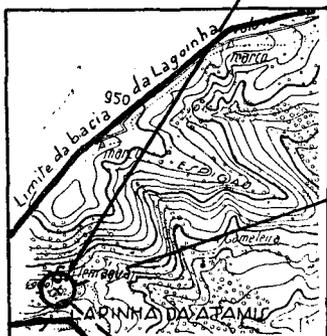
O outro desenho dá uma idéia do interior da primeira câmara da gruta, mostrando ao mesmo tempo a salinha retrocitada do lado oposto. O acesso da lapinha não oferece dificuldades. Existe um bom trilho desde a *Lagoinha*, subindo pela vertente do *Sumidouro do Brejinho* (então do lado direito). A apreciação do imponente conjunto da *Lapinha* entretanto é dificultada pelo arvoredado demasiado denso.

A primeira câmara, ainda em agradável penumbra, disposição pitoresca e aprazível, tem algo de convidativo para descanso oportuno ou meditação em contacto íntimo com a natureza e longe da turba humana. Por outro lado, as trêmulas manchas de sol, talvez nesta hora beijando a tósca mesinha de pedra da "salinha das bonecas", suavizam por sua nota risonha o grave aspecto da comprida caverna, com seu teto de colossal espessura.



LAPINHA DA ATAMIS (aspecto interior)

- 27 de Junho de 1940.



LAPINHA DA ATAMIS. Aspecto do paredão inclinado.

- 28 de Junho de 1940.



LAPINHA DA ATAMIS (aspecto exterior).

- 27 de Junho de 1940.

O solo ostenta inúmeros fragmentos de pedra, disseminados na maior desordem até os últimos recantos e já bastante escuros. A maior altura do teto é de 1,80 metros diminuindo porém em muitos lugares. A largura é de 22 metros e o comprimento, ao longo do enorme paredão, de 58 metros.

Ao lado sudeste existe uma reentrância mais profunda, acusando algum declive para os fundos do paredão e representando a parte de maior abaixamento do solo. Neste recanto encontra-se uma prateleira de pedra, como que feita a propósito para guardar objetos. A "salinha das bonecas" fica ao lado esquerdo da baixa entrada (1,40 metros de altura) e que tem graça por suas minúsculas colunas naturais e sua diminuta altura de 1,30 metros somente. A mesinha e o banquinho foram lá improvisados em 18 de Junho de 1940, durante a minha segunda visita e dia de mais pormenorizado reconhecimento da *Lapinha*.

O lado esquerdo ou N-E da primeira câmara contém duas massas distintas e compactas que atingem o teto, ainda sempre baixo e uniforme. A mais larga e comprida destas massas, com 17 metros de comprimento e cerca de 5 de espessura máxima, divide esta parte em galerias, sendo a mais estreita completamente escura, no lugar onde aparece a segunda massa, de cerca de 6 metros de comprimento por 3 de espessura.

A segunda parte da *Lapinha*, de 45 metros de comprimento, consiste unicamente em um estreito corredor e uma pequena câmara, tudo em escuridão absoluta. A 25 metros distante da boca da entrada, à esquerda ou lado N-E, deparámo-nos com uma abertura de 1,50 metros, marcada por dois curiosos "narigões" estendidos lateralmente. Entramos em um corredor que, com poucos metros de percurso, se alarga pela direita. Este lado comunica com uma câmara que não passa de 10 metros de comprimento por 8 de largura, onde achamos uma espécie de mesa cuja superfície revela curiosos arabescos. Trata-se de uma forma rara de concreções em relêvo. Voltando ao corredor, cujo perfil transversal é semelhante a um círculo levemente deformado, temos impressão de caminhar em um túnel de paredes muito bem lavadas, túnel cavado confortavelmente por arte humana, muito seguro e bem conservado por alguma entidade invisível da agradável *Lapinha*. A largura é de pouco mais de 1 metro e acaba em um saco de largura máxima de 3,50 metros.

A largura entre os dois narigões, (também a entrada do corredor) é de 2,80 metros e, a maior altura de toda a *Lapinha*, é de 3 metros.

O SUMIDOURO DO BREJINHO

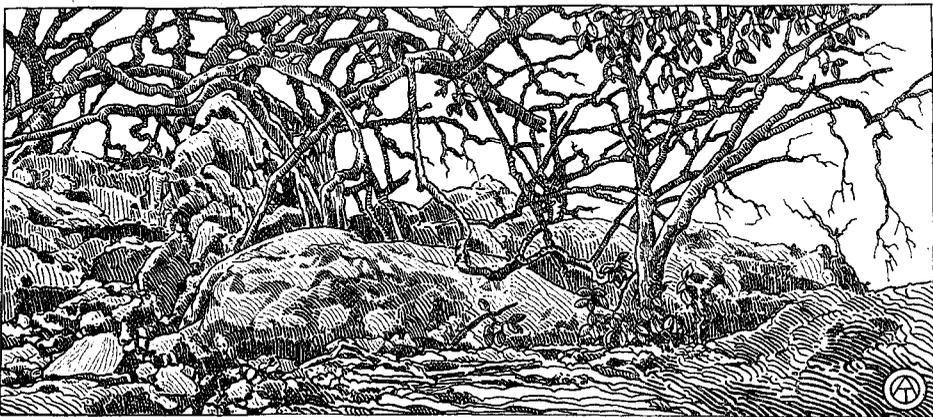
Este sumidouro está situado ao lado S-O da *Lagoinha* e distante desta 350 metros (em linha reta) ao pé de um paredão de pedra de pouca altura com cerca de 20 metros de extensão, próximo de um brejinho cuja água limpa se despeja em um único e fraco filete por uma insignificante fenda. A esquerda do paredão calcáreo (com algumas

grosseiras e disformes concreções) existe um capão na encosta da vertente.

A 350 metros ao sul da *Lagoinha* (altura 800 metros) e a cerca de 820 metros de altitude começa uma profunda gruta em direção à planície do *Ribeirão Onça* (nos lados da fazenda do mesmo nome), começando a partir do ponto menos elevado de toda a vertente circular da referida bacia. Seria pois aqui o ponto mais favorável para uma saída das águas em condições fisiográficas normais.

O *Sumidouro do Brejinho*, a cerca de 30 metros abaixo do nível da *Lagoinha*, é o único sumidouro "raso", assim determinado por todo o comprimento e largura do próprio nível do brejinho. Como também é o único sumidouro com água corrente durante todo o ano, conforme observação já feita em página anterior.

No comêço da gruta que desce para o vale do *Ribeirão Onça* existem dois sumidouros insignificantes, não passando de simples cavas de pouca profundidade, como que produzidas pela impressão do polegar de um gigante prehistórico, situadas nas proximidades de um marco antigo (de madeira) onde um trilho liga a bacia da *Lagoinha* às terras da fazenda do *Ribeirão Onça*. Tirei uma vista a lapis da parte central de um destes sumidouros, mostrando fragmentos de rocha em desordem e parte da vegetação, realçada pitorescamente por cipós emaranhados e arqueados sobre uma comprida pedra, em que está riscado com cristal o sinal "ATO".



Sumidouro, não passando de simples cava de pouca profundidade.

Imediatamente atrás destas pedras na cavidade do terreno e dentro de um minúsculo capão com deliciosa sombra, sobe (a partir do ponto de mínima altura do percurso circular da bacia) outra parte da vertente em direção a um alto de campo.

Nesta subida a vertente acompanha a direção de um comprido capão ao lado esquerdo, encontrando mais em cima um paredão de pedra. A começar do ponto mais elevado do alto de campo citado, a

vertente circular desce lentamente entre o *Sumidouro da Lapinha do Geraldo* e os *Monjolos*, até atingir a estrada de automóvel entre Cor-disburgo e a *Gruta do Maquiné* na vertente geral da extensa bacia do *Córrego Cuba*.

O SUMIDOURO DOS MORCEGOS

Está situado em linha reta a 300 metros ao lado N-O da *Lagoinha* e, ao lado S-E da boca da *Gruta do Maquiné*, a 980 metros. É do tipo "funil", de cerca de 20 metros de profundidade por mais ou menos 80 de diâmetro. No fundo encontra-se um minúsculo capão em cuja parte central deparamos com uma abertura estreita e oblonga em solo rochoso, coberto de humus.

Trata-se de um poço vertical de 12 metros de profundidade, alargado em baixo e formando uma pequena câmara com alguma água em uma cavidade da rocha. Daquí desce lateral e obliquamente, por mais alguns metros, uma fenda um tanto perigosa. Este poço é povoado de morcegos, cujo chiado e esvoaçar vivíssimo sugere a idéia de achar-se lá em baixo uma imensa caverna. Sondei o buraco com o fio a prumo; achei 12 metros de profundidade. Amarrado num laço, aceso o "gasômetro" e tomadas algumas precauções, um camarada desceu vagarosamente ao fundo tenebroso. Nada de importante achou lá em baixo. E assim, em vez de caverna, descobrimos um belo lôgro acústico. Mesmo assim, talvez seja esse poço interessante, pois percebíamos todos, distintamente, os ecos que se seguiam aos chiados; e todo o abismo vibrava de sons tumultuosos. Nem um único morcego procurava escapar pela abertura do poço.

Com a aproximação lenta de um ente humano os chiados emudeceram como que por encanto. Sem dúvida os inquietos voadores já se tinham refugiado em suas fendas prediletas. Por outro lado, estava admirado de nunca ter encontrado morcegos em qualquer outra gruta, lapinha ou caverna da redondeza.

As enxurradas passam para o poço lateralmente (de S-O para N-E) a princípio, por um rasgão repentino mas, logo depois, por baixo de grandes pedras e percorrendo um estreito canal horizontal. Subindo pelas íngremes paredes do funil para seus bordos circulares encontramos, a 50 metros de distância, uma outra abertura rochosa de 3,50 metros de profundidade. E como aquele dia já tinha sido assinalado por bichos subterrâneos, lá em baixo estava enrolada uma enorme jararacuçu. Mataram-na os camaradas a pedradas. Foi a única encontrada durante um mês de incessantes trabalhos de campo, num raio de três quilômetros em redor da *Gruta do Maquiné*. Mas seria, sem dúvida, engano inferir deste fato isolado, conclusões demasiado otimistas.

Quanto à denominação dada ao presente sumidouro, creio que será definitiva.

Somente separado pelo espigão ao lado S-O do *Sumidouro dos Morcegos* e distante cêrca de 180 metros em linha reta, está um outro sumidouro ao pé de um pequeno paredão. Também aqui notamos as insignificantes fendas de sempre, por onde se infiltram as águas das enchentes. É pouco profundo, do tipo "sumidouro em percurso de grota" e colocado na saída de uma estreita e profunda grota (próximo de um denso capão), saída que conduz logo depois para a larga bacia de outro sumidouro: o do *Brejinho*.

Ao lado da nascente do *Sumidouro dos Morcegos* e separado pelo trilho (*Garganta-Lagoinha*) está outro, sem nome, e igualmente do tipo de bacia larga. Tem cêrca de 40 metros de profundidade, com seu sorvedouro ao pé de um pequeno paredão, forte encosta para o norte com muitas grandes pedras. A sua bacia, contada pela curva circular de nível de 800 metros, é de mais ou menos 350 metros de comprimento por igual largura.

Resta ainda um único sumidouro na sub-bacia do *Córrego Cuba*: o da *Lapinha do Geraldo*.

O SUMIDOURO DA LAPINHA DO GERALDO

No alto da vertente que separa a *Gruta do Maquiné* de Cordisburgo e no ponto onde a estrada de automóvel desce para a gruta, segue ao lado esquerdo e dirigido para o sul, um trilho bem frequentado que conduz à *Lagoinha*. Este trilho, sempre descendo, acompanha uma profunda grota que fica à esquerda e margeada ao lado oposto por um extenso capão, que contorna em linhas caprichosas e irregulares considerável parte de uma encosta bastante acidentada. A bacia dêste sumidouro é recortada por um bom número de grotas de viva reentrância e parece muito maior do que é realmente em sentido mais restrito, isto é, contada a sua profundidade a partir da curva de nível circular de 800 metros, nível geral tanto das três maiores bacias da extensa sub-bacia da *Lagoinha*, como da própria *Lagoinha*, como pequeno lago (situado sôbre a linha-eixo desta sub-bacia, citada em páginas anteriores).

Quase tôdas as grotas interiores dêste sumidouro convergem diretamente para um profundo caldeirão em terreno de capoeira, porém não chegando a formar um "funil". Neste fundo, em agradável sombra, achamos um pequeno paredão de pedra com algumas entradas estreitas, que dão acesso a um insignificante sistema de minúsculas furnas. Podemos observar aqui a obra das enxurradas em grandes raízes descobertas, porções de terra arrastadas para as poucas fendas subterrâneas, a ânsia das enxurradas para cavar a base já roída do pequeno paredão de 22 metros de largura e o pouco efeito conseguido. Também aqui o rápido escoamento nas fendas subterrâneas impede às águas em eventual movimento de redomoinho, uma ação mais enérgica contra a base roída e reentrante da rocha calcárea.

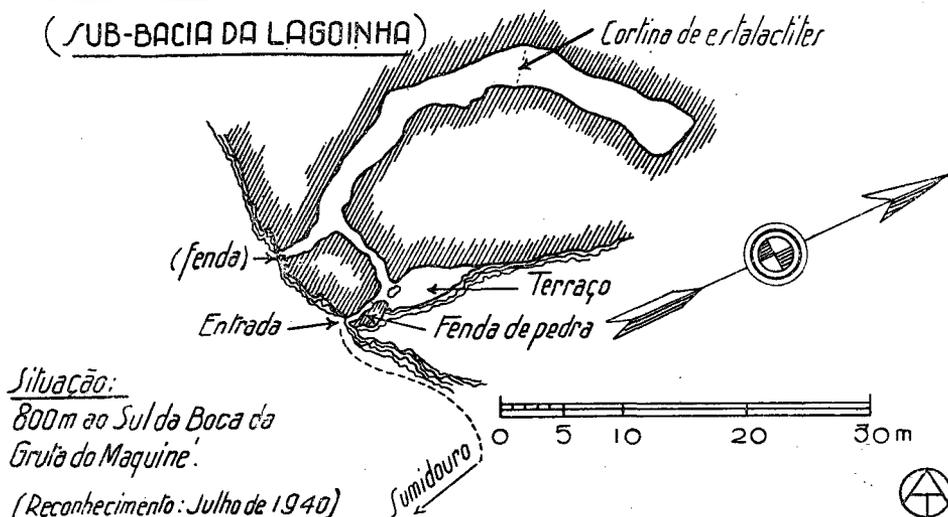
Uma grande árvore tripartida com o sinal "ATO" assinala o fundo do presente sumidouro. Subindo um pouco pela encosta do mato ao lado do pequeno paredão, chegamos a um outro paredão calcáreo muito mais alto. Tem de 35 a 40 metros de altura. Tão alterosa rocha no meio de denso arvoredado lembra um tanto alguma fortaleza ou castelo encantado de floresta.

Subindo agora pela margem onde o paredão se assenta, qual severo vigia de pedra nesta parte do extenso capão, defrontamos uma estreita fenda de pedra que conduz a um pequeno terraço do paredão (de 2,50 metros de largura), à entrada da *Lapinha* ou talvez, melhor, a uma diminuta abertura na rocha. Atitudes altivas, juramentos solenes de jamais dobrar a espinha ante quem quer que seja neste mundo e todos os protestos heróicos aqui de nada valem. Seriam puerís e ridículos. Tal qual como certo lugar difícil no pavimento inferior da *Gruta do Salitre*, entrávamos pois, um por um e de rastos, pelo canal estreito, muito limpo com suas paredes cinzento-escuras e granuladas.

O canal se curva logo para a esquerda entrando, com um comprimento de 7 metros somente, em um outro túnel minúsculo, que tem, com 5 metros de comprimento à esquerda, uma saída por uma fenda. Continuando para a direita, o canal, conduz às entranhas do paredão, sempre em sentido horizontal e muito baixo (menos de 1 metro de altura). A escuridão é absoluta. Na parte mais profunda existe uma cor-

CROQUIZ DA LAPINHA DO GERALDO

(SUB-BACIA DA LAGOINHA)



tina de pequenas estalactites de massa cristalina revestida por camada calcárea comum, da qual brotam, lateralmente, lindas rosetas, compostas de uma infinidade de pequenas verrugas. Estas estalactites são exatamente do mesmo tipo delicado que as observadas no canal das águas subterrâneas do pavimento superior da gruta do *Salitre* e também observadas pelo Dr. LUND no "Castelo das Fadas" da *Gruta do Maquiné*.

Esta última parte da *Lapinha* acaba em um saco de cerca de 4 metros de largura. O solo é coberto em toda a sua extensão de inúmeros fragmentos de pedra. O percurso total é de mais ou menos 40 metros. Quanto à sua estrutura interna e feitio, a *Lapinha* tem todos os característicos da *Lapinha da Atamis*, porém como que em escala reduzida e na proporção de 1 para 3, de modo que para uma criança de três anos deixaria de ser uma lapinha insignificante; seria “uma gruta de verdade” e linda.

A GARGANTA E AS VERTENTES DA SUB-BACIA DA LAGOINHA DO LADO SUL

Este lugar é um pequeno desfiladeiro entre as terras para os lados da fazenda do *Saco do Mato* e da sub-bacia da *Lagoinha* na altitude aproximada de 835 metros. Em ambos os lados da garganta notamos grupos de grandes pedras e de belas árvores, às vezes de considerável altura e majestoso porte (na vertente oriental), “barrigudas” altas, de um cinzento-claro, espalhadas sobre as íngremes encostas da extensa vertente circular.

Os altos ermos de N-O, com seus arvoredos ora mais densos, ora mais esparsos, raramente são pisados por humanos. Lançam o espigão do *Sumidouro dos Morcegos* em direção à *Lagoinha* e se estendem até sua junção com a vertente geral da bacia do *Córrego Cuba*. Encontramos lá um marco ao lado de um antigo valo divisório, no limite N-O das terras da fazenda *Saco dos Cochos*.

Acompanhando este valo, situado na altitude aproximada de 940 metros, chegamos ao ponto mais elevado em toda a nossa planta dos arredores da *Gruta do Maquiné*, com 970 metros de altitude mais ou menos. Estamos separados aqui da *Lapinha da Atamis* por uma profunda grota. A distância do sumidouro do mesmo nome não passa de 200 metros, mas a diferença de nível é de mais de 100 metros, um verdadeiro abismo, portanto. É aprazível o panorama deste ponto elevado e descampado quase por completo. Visto do lado da *Lagoinha* tem aspecto de morro altivo, dominando toda a bacia.

Contornando agora o fundo extremo da comprida grota da lapinha mencionada, em um semicírculo de cerca de 350 metros de diâmetro, atingimos o alto da mesma *Lapinha* a 920 metros de altitude. Também este alto toma aspecto de morro quando visto do lado da *Lagoinha*. Neste caso, é caracterizado pela interrupção repentina da faixa do alto arvoredo de seu cume.

Com mais 200 metros de percurso agradável e debaixo da sombra de frondosas árvores chegamos aos bordos superiores do paredão da *Lapinha da Atamis*. Está coberto de humus e árvores avulsas. O terreno aqui forma uma espécie de pequeno planalto ou largo assento com seu comprido banco de pedra sobre o paredão, convidando para descanso. Con-

tornando o paredão pelo lado norte a descida para a lapinha é fácil. Um bom trilho conduz pela vertente do *Sumidouro do Brejinho* à *Lagoinha*.

O percurso da vertente a leste da Garganta já foi descrito em página anterior.

(A leste — nascente, oriente).

A PEDRA DA LAGOINHA

Existe ao lado sul dêste sempre turvo bebedouro (perto de um velho cocho de sal) um belo exemplar de “pau de óleo” marcado pelo sinal “ATO”. Estamos em um lugar de rodeio de gado, portanto em ponto de reunião de grandes manadas, únicos habitantes dêstes recantos ermos sem casa alguma, sem retiro e nem rancho de capim.

Da árvore citada avista-se, através de um cerrado ralo, uma gameleira, cujo alvo e reluzente tronco surge de um extenso grupo de altas pedras calcáreas, cobertas de mata. É um refúgio, oferecendo agradável sombra entre belas rochas fendidas. Uma mesa baixa e rústica, formada de uma pequena laje escura sôbre fragmentos, foi erigida alí como recordação grata dos dias serenos de meus reconhecimentos topográficos, combinada a uma lembrança mais particular: havia passado uma fria e bela noite de Junho junto ao fogo, dormindo sôbre o capim recém-cortado pela solicitude de um dos camaradas.

Como de costume, finda a tarefa do dia, recapitulava as notas da caderneta de campo e isto com especial satisfação, porque a colheita do dia havia sido copiosa e desta vez “saboreada” em banco e mesa ultrarústicos. Dispondo de um cobertor de lã, de uma garrafa de água (do *Sumidouro do Brejinho*) e de outra de vinho, uma lata de sardinhas e duas rosquinhas, tudo estava preparado para uma ceia em agradabilíssimo “chambre separée”.

Um magnífico fogo dava então a nota de poesia, desenhando um estupendo quadro iluminado de chamas irrequietas e rubras, quadro movimentado e de efeito surpreendente.

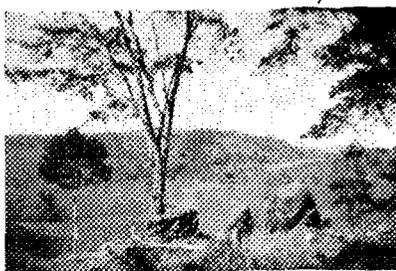
Mais ou menos pela meia noite um fortíssimo estampido sacudiu as hastes delgadas do meu fofo leito de capim. Sorri somente — reconhecendo no mesmo momento a causa: uma boa lasca de alta pedra fendida que estava a meus pés havia arreventado, já negra de fumaça e conservando-se agora respeitosa e inclinada ante o sinal do “ATO” circular que eu tinha cortado no tronco de uma gameleira de longas raízes brancas, que surgiam como serpentes da base de outra grande pedra fendida...



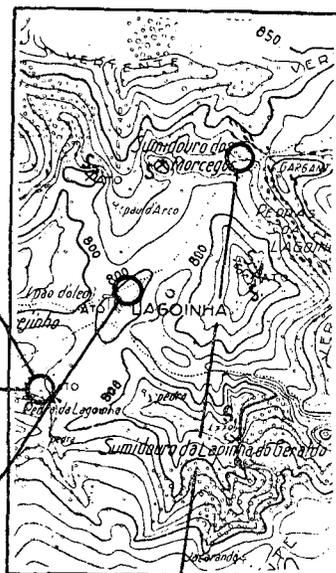
Pedra da Lagoinha — Aparece a entrada para a "mesa de pedra" — 27 de Junho de 1940



Pedra da Lagoinha — "Avista-se através de um cerrado ralo uma gameleira, cujo tronco alvo surge de atas pedras calcáreas" — 27 de Junho de 1940



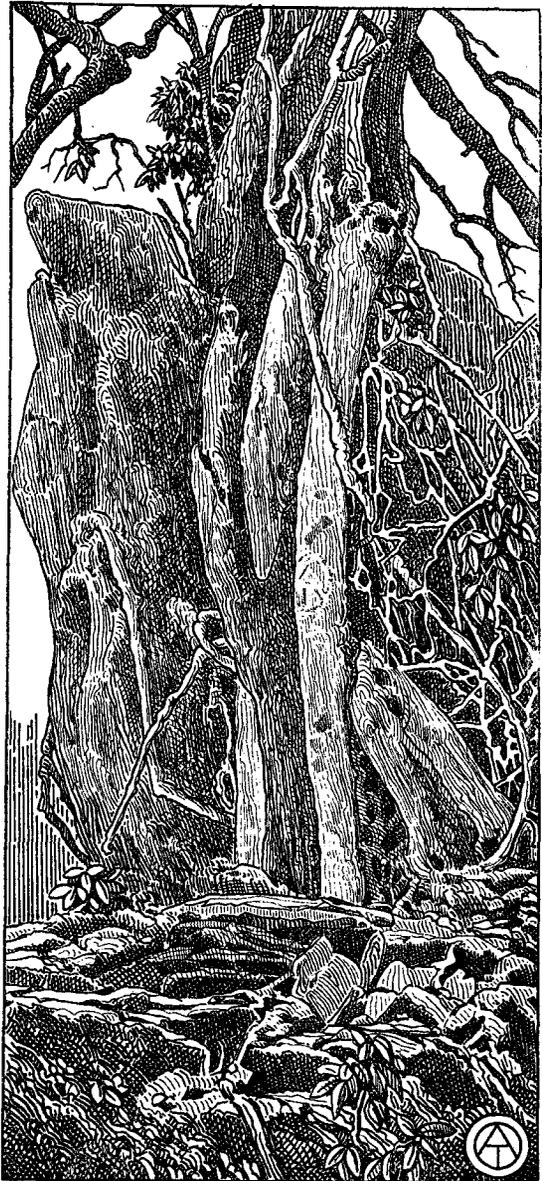
A Lagoinha, próximo da "Garganta" — Junho de 1940



A Lagoinha, vista do lado da "Garganta" — Junho de 1940

Apreciava devidamente esta atitude correta e atenciosa da negra e enfumaçada lasca, de tão intenso calor animada. As estrélas brilhavam com sua habitual solenidade. Nem uma única nuvem havia no firmamento. Nas primeiras horas após um belíssimo crepúsculo, ouvia-se o cantar dos grilos e, ao longe, o manso e retraído coaxar de alguns sapinhos, vindo das bandas do *Sumidouro do Brejinho*. Depois da meia noite, entretanto, bastante admirado estava do silêncio pesado. Em tempos que já vão longe inúmeras noites havia passado em inhóspitos sertões do Paraná, em plena floresta. São muito conhecidos os múltiplos ruídos noturnos das selvas brasileiras, ora contínuos, ora variados e intermitentes. Mas aqui não havia o mais leve ruído. Nem uma única fôlha se movia mais. Parecia suspenso o ritmo da natureza.

E permaneceu êste silêncio solene e singular até a imperceptível brisa de mais uma bela aurora em tórno da profunda rainha das cavernas, a *Gruta do Maquiné*.



Pedra da Lagoinha. Parte esquerda da entrada, lado de dentro.

*
* *
*

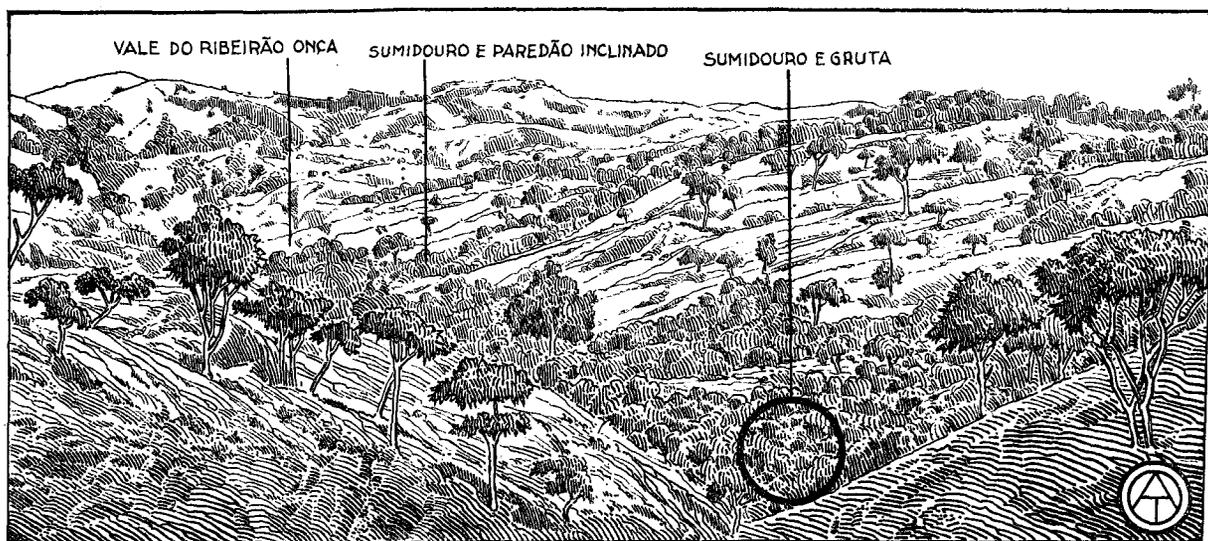
SUMIDOUROS ENCONTRADOS AO SUL DA VERTENTE CIRCULAR DA SUB-BACIA DA LAGOINHA

Ao sul da *Lagoinha* e distante desta 400 metros, desce um trilho em uma grota para os lados do *Ribeirão Onça*. Grupos de grandes pedras surgem à esquerda, interrompendo as linhas flutuantes das encostas escarpadas. À direita notamos um denso arvoredo entremeado de algu-

mas compridas línguas de campo. A bela silhueta do horizonte deixa entrever a interessante topografia da margem direita do *Ribeirão Onça*.

No fundo da grotta, talvez a 300 metros de distância, está um capão. Examinando certas particularidades do terreno com auxílio do binóculo parecia-me ser ali o lugar de um dos dois sumidouros de cuja existência havia sido informado, porém de forma pouco precisa.

Desenhei a paisagem a lapis. Descendo e medindo em seguida, vi que o tal capão revelava-se de fato "anormal", isto é, escondendo um sumidouro. A partir de certo ponto o álveo se eclipsava à direita, entrando no "funil" (que também recebe algumas grotinhas laterais), encontrando uma grande pedra em forma de paredão e desaparecendo tranquilamente em uma negra abertura.



Outro sumidouro, já próximo da planície do *Ribeirão Onça*, será o último a ser descrito. Todos os três sumidouros achados dentro de grotas durante os meus trabalhos de campo em redor da *Gruta do Maquiné* manifestam os seguintes característicos de identidade:

1. — Estão situados junto da base de paredões de pedra.
2. — Teem um ligeiro desvio do álveo em descida para o lado direito.

Todavia, o sumidouro mais próximo do *Sumidouro dos Morcegos* e ao sul dêste, acusa um desvio do álveo em descida para o lado esquerdo.

*
* *
*

SUMIDOURO, FORMANDO GRUTA

Este sumidouro, ao sul e já fora da sub-bacia da *Lagoinha*, está situado no fundo de um "funil" bem caracterizado, a cerca de 25 metros abaixo de seus bordos superiores e dentro de uma grota. A boca aberta para N-O, tem 1,60 metros de altura por 5,60 de largura, sendo a parte superior formada de uma gigantesca pedra de cerca de 6 metros de espessura e em posição ligeiramente oblíqua. Acima desta laje, enterrada nas paredes ascendentes do funil, seguem grupos de pedra entre densa vegetação, subindo neste lado até atingir mais ou menos o bordo superior, onde se acha um pequeno paredão com terraço. As restantes paredes do funil são revestidas de alto capim e em certos lugares, já fazendo parte do capão, subindo pelas encostas ao norte e noroeste. As grotinhas nas imediações são pedregosas e secas.

Um grosso e negro cipó emerge da boca, lembrando uma serpente. Não tendo obtido senão uma vaga informação a respeito da existência e posição deste lugar, mas achado depois sem dificuldade, tentámos sem demora a descida, passando sobre pedras de todos os tamanhos e em caótica desordem espalhadas. O teto conservava-se sempre baixo. A luz exterior diminuiu rapidamente, mas os "gasômetros" dos camaradas já estavam acesos.

Com 13 metros de descida encontrámos uma largura de 12 metros com 2,40 de altura. Antes de atingir um estreitamento das paredes para uma largura de 6 metros, nota-se uma modesta cortina de estalactites, atravessando a largura do teto. A partir do estreitamento citado segue a segunda parte da caverna. Passando 17 metros pela parede à direita, chega-se a um nicho com vestígios de enchente: resíduos de lama ressequida aderindo folhas secas às paredes, fragmentos de ramos secos.

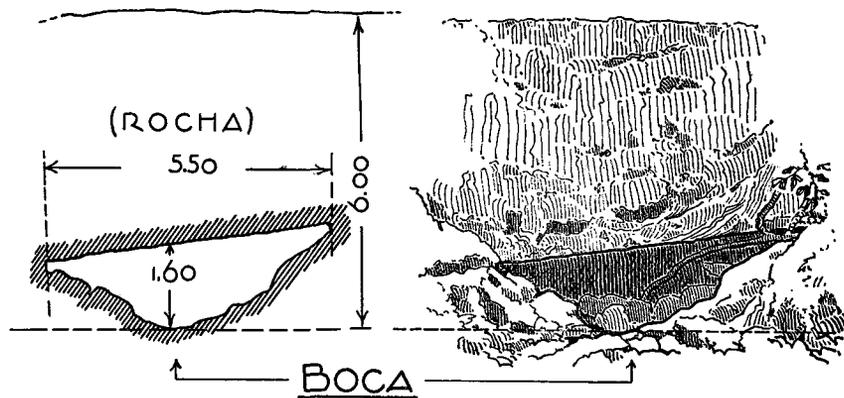
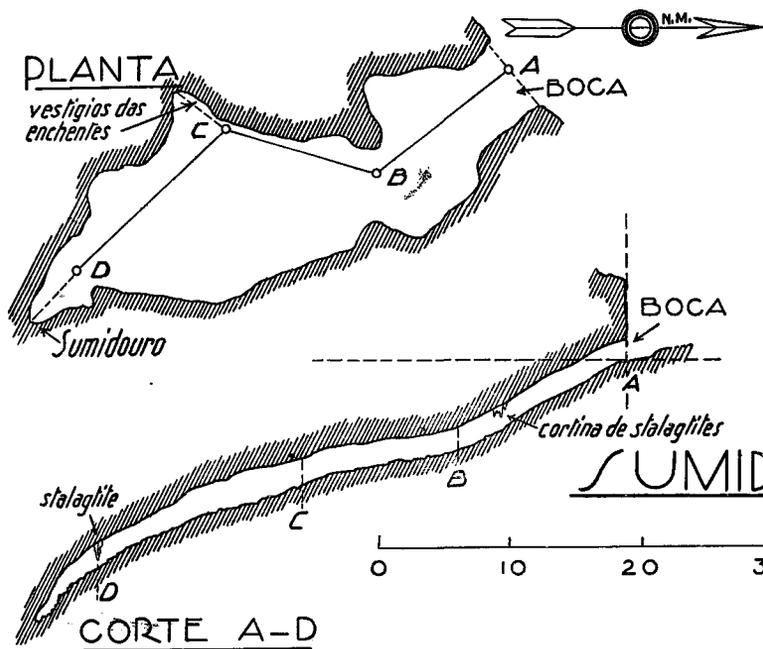
Estamos cerca de 10 metros abaixo da boca, e talvez outros 10 acima das últimas fendas reconhecíveis, ou ponto mais profundo do sumidouro onde acaba a caverna. Pouco acima daí, talvez a 4 metros uma grossa estalactite alcança quase o solo.

A natureza topográfica deste sumidouro é idêntica à do outro da *Lapinha da Atamis*, manifestando algum desvio para a direita do álveo da grota descendente, tipo de funil circular em densa vegetação, distando 500 metros a leste da citada lapinha, em linha reta, e 1.800 metros da *Gruta do Maquiné*.

SUMIDOURO COM PAREDÃO INCLINADO NO PASTO DE BAIXO

Está situado na mesma grota do sumidouro precedente, distante 740 metros mais em baixo e na junção de uma grota lateral.

Deixando o sumidouro precedente e voltando ao trilho que desce pela margem esquerda do álveo da grota, passámos entre algumas grandes árvores, encontrando a 200 e poucos metros de distância uma

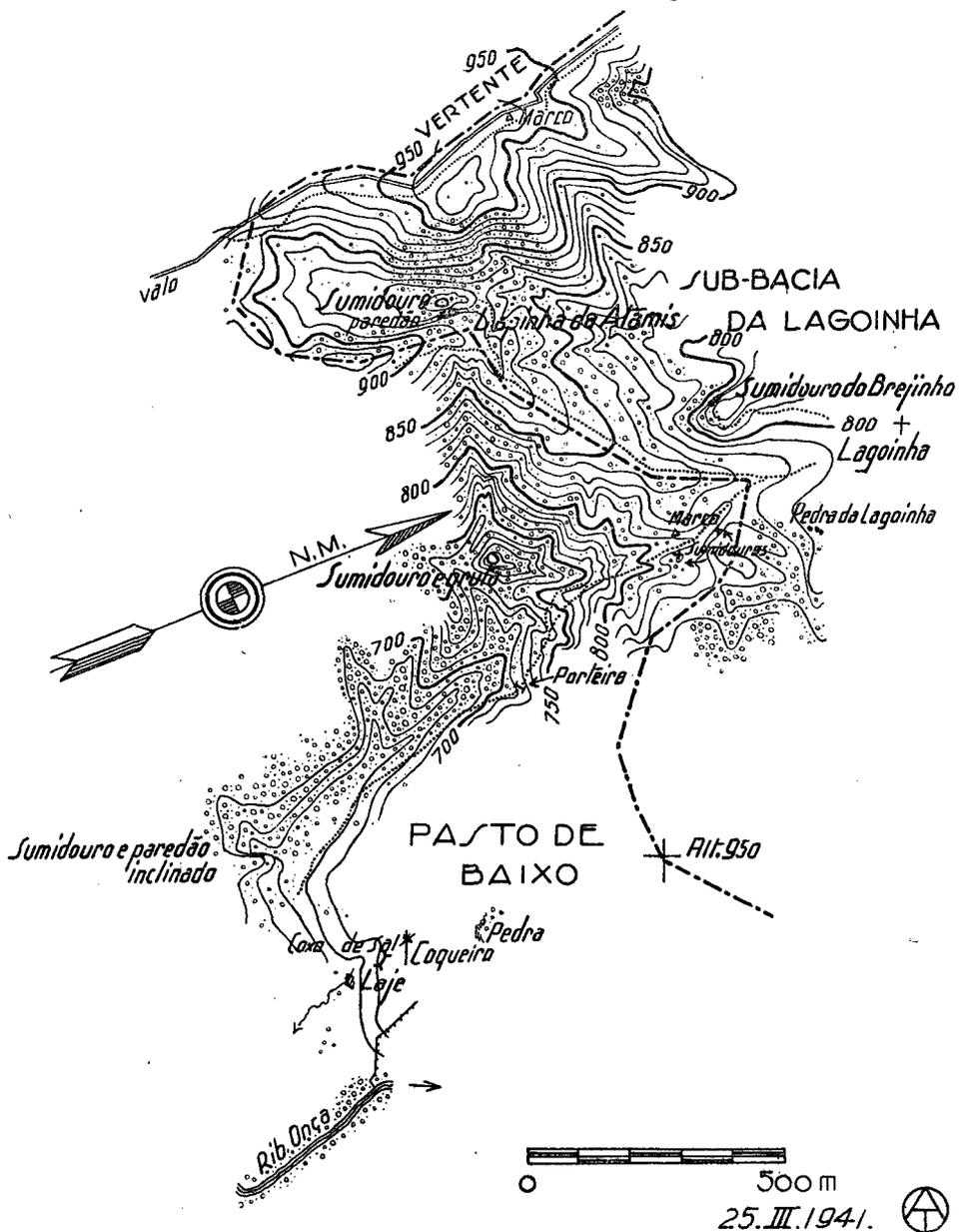


SUMIDOURO, FORMANDO GRUTA,
 situado, em linha reta, a 1.800m ao sul da Gruta do Maquine, e
 500m a leste da Lapinha da Atamis.

29.VI.1940.



velha porteira. Logo depois atravessamos uma grotinha sêca, lateral, reconhecível por dois rochedos, surgindo nas encostas íngremes a alguma altura sôbre a travessia. Seguindo cêrca de 350 metros pela grotamestre ainda estreita, cujo fundo é pedregoso, e alcançada a direita pelos capões que descem do lado oeste, sentimos a descida do trilho rústico tornar-se mais suave como também a proximidade do vale e das planícies do *Ribeirão Onça*.



Mas deve haver qualquer coisa ao lado direito em uma espécie de mancha ressequida do terreno, como que indicando uma grossa camada

de pedra e mudança suspeita do "talweg". Visei um alto pé de "angico" para traçar uma linha auxiliar, partindo esta do caminhamento da gruta-mestre. Antes de chegar ao ponto visado o camarada da baliza já tinha descoberto a causa da minha suspeita, sentida à distância. A tal árvore estava sôbre o alto de um enorme paredão de 23 metros de altura por cêrca de 80 de largura.

A não ser a minha desconfiança com as manhas topográficas da gruta, calmamente teria seguido para a esquerda e para os lados do *Ribeirão*, que não devia estar longe. Mais espaçosa agora, a gruta-mestre tinha ladeado velhacamente o enorme obstáculo, cujo abismo de modo algum era visível e havia confabulado (na linguagem ainda pouco conhecida das fendas calcáreo-subterrâneas) com uma gruta secundária da região, metendo-se em seguida por baixo do paredão. O nível superior dêste representa ainda hoje o álveo normal, e o abismo repentino uma depressão anormal (vêde gráfico).

Estávamos, pois, sôbre um sumidouro profundo mas facilmente acessível pelo lado do norte.

Situado a 2.350 metros da *Gruta do Maquiné*, ao sul, e a 500 metros em linha reta da margem esquerda do *Ribeirão Onça*, êste sumidouro tem, como já ficou dito, 23 metros de profundidade ao pé de um paredão de inclinação reentrante, isto é, subindo o paredão em sentido contrário à direção do álveo. A inclinação é de 23° e o lugar, em terreno de capoeira algo aprazível.

Descendo até o fundo do sumidouro, verifiquei uma estreita fenda de pedra, completamente sêca, de percurso oblíquo e já unida à base do paredão. Uma estreita platibanda de apenas um metro de largura, semeada de pedras, galhos secos enlameados e fragmentos vários, estende-se ao longo da grande parede arcada sôbre o fundo da gruta. Esta platibanda, por sua reentrância secundária e por seus fragmentos de madeira lá depositados na cavidade da própria parede, 11 metros acima do fundo do sumidouro, parece indicar o nível das grandes enchentes. O corte A-B da respectiva representação gráfica mostra a aglomeração de fragmentos do lado esquerdo da platibanda, como aglomeração muito mais acentuada. É êste o lado norte e lado da gruta-mestre descrita em página anterior. A aglomeração atrás parece indicar também o lugar da mais acentuada erosão sôbre a platibanda, provavelmente ocasionada pela convergência mais ou menos violenta das águas torrenciais de duas grotas ao mesmo tempo.

*

*

*

